

GARCIA PULIDO



FOGO
SAGRADO

1923

EDIÇÃO DA "SEARA NOVA,"

PRAÇA LUIZ DE CAMÕES, 46 - 2.

— LISBOA —

A Fernando Pessoa pela minha
consideração no seu livro da unidade
e do m. ulto espírito o amor
ento

semipublico
of
Lex. 1824

Fogo Sagrado

Do auctor :

Nos Braços da Cruz..... 1914

A seguir :

"A Rua d'Amargura, (romance)

"Missal dum Torturado,

GARCIA PULIDO

Fogo Sagrado

A

AUGUSTO DE CASTRO

A

AUGUSTO DE CASTRO

HUMILDEMENTE :

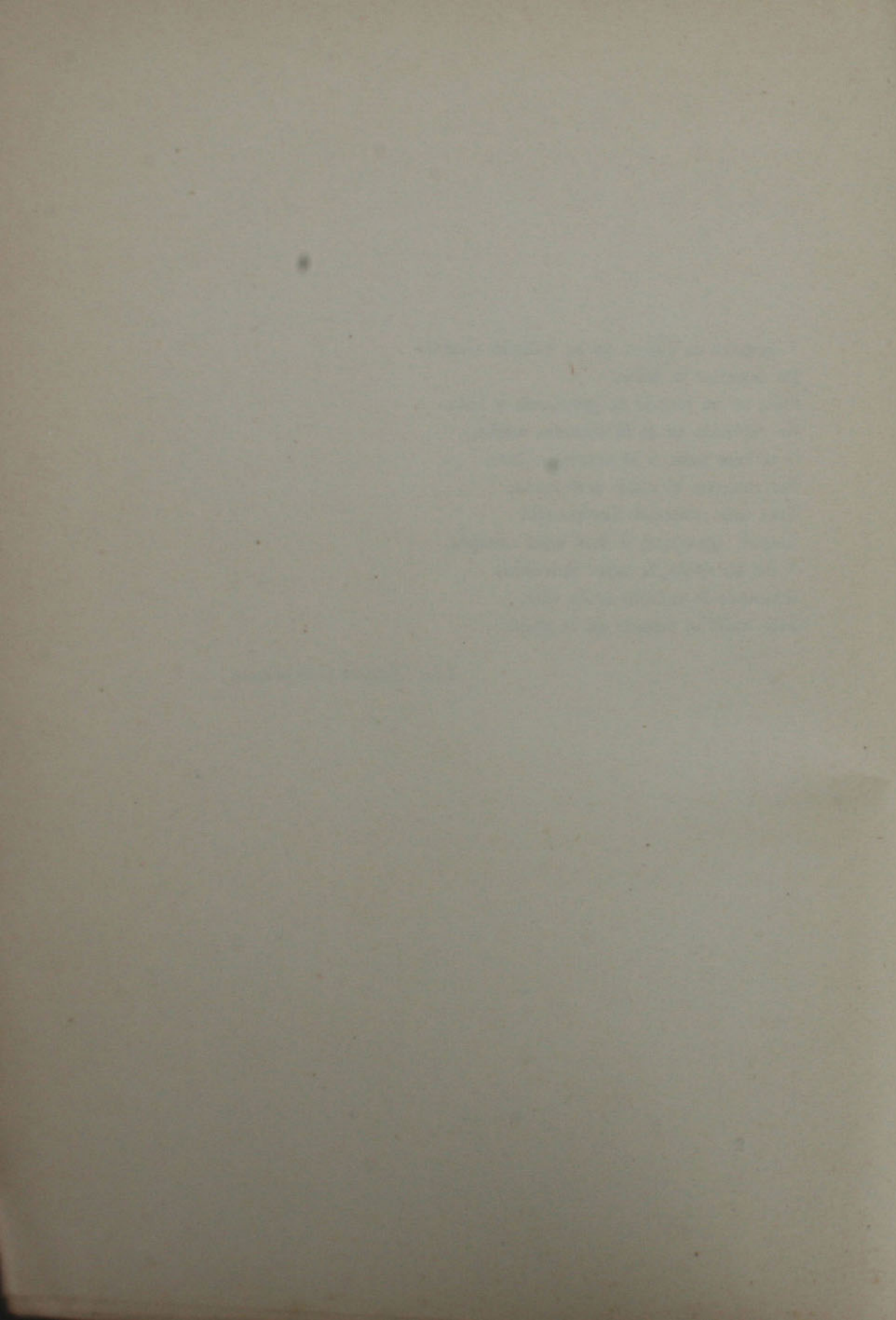
À SACRADA MEMÓRIA

DE

MEUS PAIS

Y despues de dudar, no he hallado el modo
De desechar el tédio,
Pues en un mundo de igoorancia y lodo,
No cabiendo en la fé término medio,
Ó se cree todo, ó se desprecia todo.
Por eso, con el alma destrozada,
Trás una juventud desvanecida
Llegué, ignorante, á esta vejez cansada,
Y en mi ánsia de saber indefinida
Buscando lo infinito de la vida,
Sólo hallé lo infinito de la nada !

(De Ramon Campoamor)



Fogo Sagrado

FOGO SAGRADO, livro de tristeza,
Como um barco vogando já sem remos,
Onde governa apenas a certeza
Da incerteza da vida que vivemos.

Sinistro despertar do meu letargo,
Tem a tortura da chaga exangue,
Não procureis no seu dizer amargo
Qualquer palavra que não saia a sangue.

Entre porquês eternos concebido,
Saia-me d'alma, um dia, por meu mal,
Convulso, alucinado, espavorido
Como um doido que sai dum hospital.

É rade como a voz das ventanias,
Tem a grandeza estranha dos granitos
E o ritmo das supremas harmonias,
No brado roco de quem chora aos gritos.

Tem o sabôr amargo dama praga,
As tintas dum vitral ao sol poente,
E o sadismo de quem a dôr afaga,
Rasgando a vida à doida, alegremente.

Não é sincero, vós direis. Ouvi-me:
Tendes razão—ó meus amigos—pois,
Sobre mim pesa o tenebroso crime
De me negar feliz como vós sois.

Pois quê?... é lá possível, Virgem Santa,
Com tanta luz e tanto sol, haver
Alguem que chore, enquanto o mando canta
A trianfai alegria de viver ! ...

Olhai o ritmo e a côr, em romariás,
Trazendo à vida peregrinas galas,
E, em caravelas d'oiro e pedrarías,
O sol morrer nama explosão de opalas...

Rios e mares, nam coral de festa,
Unem as vozes nama voz apenas.
No mármaro mistério da floresta,
Vive encantado o rir da velha Aténas...

Tendes talvez razão. A vida é bela;
Sómente doidos dizem o contrário !
E vale a pena procurar vivê-la,
Inda que seja ao tôpo do Calvário.

Hei-de tentar um dia conseguir
Sofrer, cantando, a mágia que vivemos,
Habitar-me eternamente a rir
Do pó que soa, do nada que seremos...

Talvez assim eu ganhe em alegria
O que perdi em lágrimas baldadas,
E o coração, partido de agonia,
Se atarda no clamôr das gargalhadas.

E as suas próprias chagas hão-de ser
Bôcas a rir um riso de bacante,
Por onde corra em jorros o prazer,
Numa vaga de sangue famagante.

Em mim a treva ha-de fazer-se luz!...
A paz de Deus fará pazes comigo
E o tédio, que é na vida a minha cruz,
Será, quem sabe? o meu melhor amigo...

Aspiração

I

Quizéra que este livro, ó minha amiga,
Pensado nam momento de alvoroço,
Tivesse um ritmo brando de cantiga,
Tão grande e simples como am Padre-Nosso;

Tranquillo, sem um laivo da fadiga
Que já ensombra o meu olhar de moço,
Como se fôsse, dama tela antiga,
As tintas vagas dam perdido esboço;

Singelo, como o aroma dos maninhos,
Com a harmonia ritmica dos ninhos,
Fosse cheio de paz e de saudade...

E a minha alma, nos versos enlaçada,
Nêle brotasse, trepadeira alada,
Dando ás ogivas tons de mocidade...

Daqui a tempos, quando a nossa vida
Tiver da vida apenas o perfume,
A desfazer-se em névoa, no negrame,
Como dam mastro, a sombra entristecida;

Quando ao cabo chegarmos da sabida,
Verás, em cinza, aquilo que foi lume;
E porque a vida em cinza se resame,
Só cinza restará de tanta lida...

E já velinhos, corações serenos,
Os nossos corações terão ao menos
Esta certeza eterna que os conforte:

O nosso amôr na vida, minha amiga,
Apenas é o laço que nos liga
Para abraçados aguardar a morte !...

Fala do Tédio

A ANTERO DE FIGUEIREDO

O Tédio: "Irmão das névoas lívidas do outono,
Em teias brandas enredando as sinas,
Gela-me o frio estéril do abandono,
O frio esburacado das rainas.

Nunca soube o que foi o meu passado;
Lear expulso do *Condado Alem*,
No berço das origens embalado,
Nasci um dia sem saber de quem...

Corri do Olimpo os deuses á risada,
Calei no mar os cantos da sereia,
—Todo êsse mundo imenso fiz em nada,
Como se desfizesse um grão de areia—...

De novo errada a senda que procura,
Caminha o Homem, sob um céu de agoiro,
Numa estrada infinita de amargara,
Pisando as ruínas do seu sonho de ouro...

Dum grande sonho na doirada teia,
Secularmente labutaram vidas:
—Torres erguidas sôbre um grão de areia,
Ilusões d'ouro sôbre o vento erguidas!—

Nova ilusão com novo sol nascia,
Vendo subir o sonho em chama brava;
Sabia o sonho para o céu, sabia
Cada vez mais o céu que procurava.

Abrem meus pés esteiras de amarguras,
Semciam meus olhares cemitérios,
Desde o princípio cavo sepaltaras,
Por sôbre impérios derrocando impérios.

Quando dançava Salomé um dia,
De lhama toda, toda de ametista,
Á sua voz a minha voz dizia:
"Pede a cabeça de João Baptista...."

Soa a sombra de Deus! Na sua obra,
Parificada por divino olhar,
Circula, ondeia o meu olhar de cobra,
Sem que jámais me possa aniquilar.

E olhando Deus um dia, frente a frente,
Nam desafio á sua imensidade,
No meu olhar sorria serenamente
A certeza da própria eternidade!

P'ra desfazer a sombra do pecado,
—Sombra que eu fiz da sua própria luz—
A si mesmo se via crucificado,
Vendo seu filho morto numa cruz!

Foi numa tarde de poente d'ouro...
Num ramôr de azas agitando os ares,
Corvos traçavam círculos de agoiro
Sôbre a paz religiosa dos palmares.

E sob os astros lívidos de assombro,
Por entre as turbas, tristemente, exangue,
Cristo sabia de madeiro ao ombro
E d'olhos postos no poente em sangue.

Tremeu a terra, obedecendo á praga,
Quando no peito lhe pendeu a face,
Sûbita sombra o mando inteiro alaga.
Como se o sol na cruz agonisasse.

Era cada ferida um setestrêlo
Atrás deixando luminoso rastro,
Como se a cada golpe do martelo
No corpo brando, se incendiasse um astro.

A noite vinha trágica, tombando
Na lividez esguia das espadas;
"Não me abandones, Pai," gritou chorando,
Quando me via a rir ás gargalhadas.

E agarrada ao madeiro em fúria brava,
P'ra quem morrera nêsse dia o dia,
Mais o pavôr da noite destacava
O sofrimento mado de Maria.

Não sei que assombros levantava aos céas,
Do seu silêncio, na grandeza estranha;
— Nem a graça de ser a Mãe de Deus
A Mãe compensa dama dôr tamanha. —,

A Virgem: "Antes Êle fôsse o mais humilde obreiro,
Seguisse embora o mais humilde trilho,
Do que vê-lo pregado num madeiro,
Porque antes de ser Deus era mea Filho.

"Antes andasse numa vida triste,
Mais esfaimado e pobre que um lebreá,
E nem soubesse que o Senhor existe
E nem soubesse que existia o ceá...

"Bem póde erguê-lo o Teu poder ingente
Numa montanha de astros e de luz!
Mas hei-de vê-lo sempre, eternamente,
Agonisar nos braços duma cruz!

"Á terra deá a Terra-Prometida,
Grita em mea peito, a Tua voz amada,
Mas p'ra salvar da minha vida, a vida,
Todas as vidas cá faria em nada!

“Senhor perdõa... que os teus olhos domem
A mágia imensa que enevõa os meus!
Mas se não fõsse assim a Mãe do Homem,
Como podia eu ser a Mãe de Deus?..”

.....
.....
.....
.....

Téio: “Entre franjas de névoas no horisonte,
A pouco e pouco despontava a luz,
E o sol, doirando a cúpula do monte,
Tingia de sangue o sangue de Jesus.

Passaram dolorosos os instantes,
Em que trema de dôr o próprio inferno!
E mais feroz ainda do que d’antes,
Recomeçamos o combate eterno...”

Deus

Se creio em Deus—me pergantaste um dia—
Valha-me Deus, mas que pergunta aquela!...
Como negar a luz que se revela
Na própria luz do sol que me alumia!...

Pois quem aos nossos corações daria
A protecção da luminosa estrela,
Que através desta vida de procela,
Confiadamente nossos passos guia?...

Herança de desgraça, ó meu amôr,
A minha fé nasceu da minha dôr...
—A dôr que por meu mal é o meu bem!—

Renegá-la seria renegar
A certeza dulcíssima de olhar
Aos pés de Deus, um dia, minha Mãe...

Litania da Morte

I

Bateu de novo a morte á minha porta,
Deus assim o quiz. Seja Deus louvado!
E a evocação do seu perfil gelado
É tudo quanto resta e me conforta.

E nesta dôr mortal, que mal suporta
O coração, de angustia retalhado,
Entre as ruínas frias do passado,
É como a sombra duma sombra morta.

E desde que sabia ao céu eterno,
A minha vida, tenebroso inverno,
É como um *campo santo* de saudade.

E eu sinto, neste triste entardecer,
No mórbido cansaço de viver,
A morte lenta que a minha alma invade...

Fôram meus olhos das fontes de água,
Vertendo gota a gota o meu tormento.
E hoje, a saudade de abrasada mágoa
Lentamente os tortara a fogo lento.

E se a olvido na dor em que me estorço,
—A dor em que a minha alma se redime—
Sinto o cruel tormento dum remorso
De quem tivesse cometido um crime.

E dôr e mágoa na minha alma, á solta,
Em ímpetos de feras a bramar,
Têm crispações iradas de revolta,
Como se fôssem vagalhões no mar.

Quizéra ó Lear, velho rei lendário,
Ser como tu, nesta hora derradeira,
Tregar heroicamente o meu calvário
Amaldiçoando a natureza inteira.

Gritar o sofrimento que me invade,
Na voz das ondas a clamar nas fragas;
Encher de espanto a própria eternidade
Ao desfazer o coração em pragas!

Ó vós que vindes pela mesma estrada
E que inda tendes restos de ilusão,
Olhai que tudo se desfaz em nada,
No silêncio sinistro dum caixão...

Ilusões para quê? se neste inferno,
—Aréna a crepitar de mil batalhas—
Se exhibe sempre o mesmo drama eterno
Em scenários de crazes e mortalha!

Amôr, affectos, isso a que é costume
Dar fóros de grandeza e de ternura,
Queimam mais tarde, muito mais que o lame,
São novos instrumentos de tortura!

Sermos bons ou maus, nada importa. Basta
Vêr na vida através dos desenganos
Uma desgraça imensa que se arrasta,
A bagatela dumas dázias de anos.

Para quê pois, amar este martírio
De coração e d'alma alvoroçados,
Sem vêr que o fim do trágico delírio,
É morrermos na cruz crucificados?

Mas não julgueis que a minha dôr blasfema
Sinistro brado da razão perdida,
Ela é sómente a maldição suprema
Do absurdo miserável desta vida!

É a saudade plena de revolta,
Tentando erguer as vidas que lá vão,
Das cinzas das mortalhas, poeira solta,
Que na vida amortalha o coração.

É o amôr feito de angústia e de desgraça,
Caldeado de tormentos infinitos,
Que tortura, desvaira e que trespassa
De fel amargo o poema dos meus gritos.

É essa dôr que rage desvairada,
Nascida dum affecto tão profundo,
Que junto dela, todo o mundo é nada
E nos eleva para além do mundo.

É a dor do *irreparável*, signa eterna,
Sinistra eslinge entertecendo assombros,
Que num instante toda a vida inferna
E faz das almas um montão de escombros.

É tudo o que da morte, o negro império
Desperta em nós na dôr espavorida,
Desde o tremendo espanto do mistério,
Ao desespero de se não dar vida.

É tudo o que há de grande e de sagrado
Nesta epopeia, trágica, maldita:
—As lágrimas sombrias do passado
Na procissão dos mortos, infinita...—

E a vida então, um desolado oatono,
No suplício sem par em que se anala,
Traz-me na angústia horrível do abandono,
O bronze dum colar que me estrangala.

E o mundo, outr'ora que eu julgára um Templo,
Que mal continha um coração aberto,
Tem para mim, na mágua em que o contemplo,
A aridez infinita dam deserto.

Vida Nova

Voltaste para Deus, assim disseste.
Nunca o devias ter abandonado.
Resgataste, porém, o teu pecado,
Na alegria infinita que me deste.

E do tormento desta vida agreste
Renascera feliz o meu passado,
Por novamente teres encontrado
A estrada que perdi e que perdeste.

Graças assim á graça do Senhôr,
Do amôr dum dia que era o nosso amôr
—Uma quimera vã da mocidade—

Nascea a fôrça misteriosa e calma
Que as almas nos unia numa só alma,
Na certeza da própria eternidade...

O Poema da Treva

A JOAQUIM MANSO

Era costume vê-lo andando á beira mar.
Não florira no berço a luz do seu olhar,
Não vira nunca o sol, desconhecia a chama.
E pela vida a fóra, errante, a meditar,
Arrastava na treva a treva do seu drama.

Um dia ao lamentar-lhe a sorte malfadada,
Que o convívio lhe dea das sombras e do nada
E em vez de alma lhe poz a escuridão de um pégo,
Disse-me alegremente e d'alma alvoroçada:
"Bendito seja Deus por me ter feito cego!,"

"Porque tudo o que vês, a vida, o coração,
"Beleza, graça, ritmo, é tudo uma ilusão,
"Que uma quimera trouxe, outra quimera leva.
"E eu vejo eternamente, em minha escuridão,
"Deus, a beleza eterna enchendo a minha treva

"E no meu sonho fiz estranhos universos,
"Girando pelo espaço, harmônicos, dispersos,
"Onde a vida não tem espinhos nem abrolhos,
"E cujos astros são os misteriosos berços
"Da sombra em que palpita a treva dos meus olhos.

"Podesse-te eu dizer a volúpia, o desvario,
"Com que criei cantando os salgueirais do rio,
"E o carinho gentil, a inspiração alada,
"O enternecido amor do meu olhar vazio,
"Ao modelar na treva a minha bem amada...

"Esvolto festival, de ritmos, de harmonias,
"Canta a linha em seu corpo estranhas sinfonias,
"Como se a bemfadesse a natureza inteira.
"Brota o seu olhar da treva dos meus dias,
"Nova estrela nasce na noite da cegueira.

"Porém, o sea amor ardente como o lame,
"Que lora para mim extático perlame,
"Em horas irriaes de volúpia e de prazer,
"Incendiou na minha alma o drama de ciame,
"E o meu sonho desfez-se aos pés dessa mulher!

"Torna-se a minha noite em noite mais cerrada;
"Atardida na dor atroz da derrocada
"Minha alma foi cumprindo amarguradas sinas;
"Jantara-se à cegueira a solidão do nada
"E o silêncio espectral e frio das ruínas...

"Em cristações de raiva a minha dor bramava,
"Clamor de mar irado ardente em fúria brava,
"Que nem a frágil luz duma esperança acalma,
— "Tirar-me a luz do olhar à dor não lhe bastava
"Fora preciso mais e cegar-me a luz da alma.—

"Depois a poeira e poeira, o fogo lentamente,
"Sob a cinza flocos sonambulo, dormente,
"As brazas ocultando um veia de soledade,
— "Tornada hábito a dor, o coração nem sente
"A dor, que se disfarça oculta na saudade...—

"E foi então, meu Deus, que, por divina graça,
"Eu vi o vosso olhar na treva da desgraça,
"Que em trevas envolvera a treva que me inferna.
"O que eu julgara luz era penumbra baça
"Velando o coração à vossa luz eterna.

"E em lágrimas ouvi o verbo de ternura
— Bendito o que chorou nas trevas de amargura
E fez da própria treva a luz da sua luz,
E fez sua ventura a minha desventura,
E fez o seu amor do amor da minha cruz.

— Bendito o que tiver a graça alevantada
De se julgar mais vil que as pedras da calçada.
Bendito o que faz bem o bem, que pão tem pagas
E o que sofreu cantando a dôr amargurada
De abrir no coração as minhas cinco chagas!

— Bendito o que tiver a fome do meu pão,
E fez, por meu amor, o amor do seu perdão.
Bendito o que à desgraça as lágrimas consola,
E aos pobresinhos der a paz do coração,
O lame do seu lame e o pão da sua esmola.

—Bendito o que sofrer afrontas sem reparo
E aos inimigos dar o seu carinho raro.
Bendito o que sentir a dor do vagabundo,
Viv'alma dos ralvais ao vento, ao desamparo,
Penando por seu mal o mal de todo o mundo.

—Bendito o que dormir na terra regelada,
Sentindo em sua carne as iras da nortada,
E em suas orações levanta as mãos aos ceus,
Pedindo, para os vis, de vida regalada,
Por sobre o seu perdão a protecção de Deus.

Um dia chegará a formidável hora,
Eterna noite dans, d'outros eterna aurora,
O dia da pobreza, o dia da humildade,
O dia de quem sofre, o dia de quem chora
Na excelsa aspiração divina da verdade!...

.....
.....
.....
.....
.....

“E foi então, meu Deus, que a noite se fez dia
“E a minha treva via, melhor do que veria
“A própria luz do sol, o Sol a que me apego.
“E num hino de luz a luz em mim dizia:
“Bendito seja Deus por me ter feito cego.

Sonho oriental

AO ANTÓNIO DE SEVES

Era todo o meu mundo a minha nau veloz,
Esvelta em seu perfil de linhas lagidias,
Gentil garça real, sobre a maré banzeira,
Cantando heroicamente à lei das marésias.

E um dia de bom sol e vaga maneirinha,
Na harpa do cordoame am vento de leição,
Se embarca jabilosa—e que ilusão a minha!—
Toda a minha ilusão ceguinha de ilusão.

Sonhara para ti o sonho dam império,
Que tivesse por sol o teu cabelo loiro;
Minha ilusão seguia o rasto dam mistério
Que nos tempos deixara o velocino d'ouiro.

A mesma tentação de sécalos, remota,
Que ama raça levava ao mesmo pesadêlo,
A' luz da mesma luz e pela mesma rota,
Que amaldiçoara a voz do Velho do Restelo.

Ficaste tu também na colcha de noivado
Bordando a caravela, onde iam meus tormentos;
E então também viveste o frenesi doirado,
Que a todos dementou nas eras de Quinhentos.

E vias do mirante a floresta dos mastros
E o ritmo sensual das gaivotas em rondas,
Ao reflectir o mar, nãma ilusão, os astros
Com volúpia beijando a cathedral das ondas.

Tornou-se o mar depois a cruz do teu martírio,
Que dia a dia mais e mais te torturava,
Como no velho circo o trágico delírio
Das feras devorando as carnes dumã escrava!

Rias se o vias rir num babajar de espuma
Por sôbre areias de ouro encadilhando rendas,
Cantando num ramôr longínquo, que se esclama,
A sombra dum ramôr de adormecidas lendas...

Porém se o dorso hercúleo alevantava aos céas,
Rasgando em turbilhões espaços infinitos,
Como se em todo o mar, os naufragos, a Deas,
Erguessem num só grito o poema dos seus gritos

Varria o sonho d'ouro a cristação do vento
E o coração sofria em lágrimas desfeito,
Como se o batalhar feroz dos elementos
Travasse a negra lata a dentro do teu peito.

Assim frágil brinquedo em dedos femininos,
Com as ondas vivendo a marulhar nas fragas,
Jogaste o teu destino aos incertos destinos
Da musical volúpia estérica das vagas.

E vinham-te à memória os casos d'outras eras:
Vozes que emadecera a voz da tempestade,
Corações a chorar naufrágios de quimeras,
Esperanças florindo em bramas de saudade...

Quem diria, mea Deus, que as enfanadas velas
—Azas que a cruz de Cristo espregueira no seu norte—
Pela cruz afrontando a grita das procelas
Fariam da vitória a cruz da sua morte!...

A fé fôra pra nós a colana de famo
Rasgando pelo tempo a grande caminhada,
Amortecida a fé perdeu-se a luz do ramo
E o sonho transformou-se em voz de derrocada...

O fumo da grandeza a desvaír a raça
Arredára-a do salco eterno de verdade
É no sea falso orgalho, orgalho de desgraça,
Não via que só foi grande em tempos de humildade.

Tempos de que só resta a cinza da mortalha,
Cinza por quem ninguém levanta as mãos aos céus,
Embora a sua graça, em campos de batalha,
Por graça conseguisse a protecção de Deus!...

E restam do esplendor da madrugada clara,
Fantasmas espectraes agonisando ao longe,
Vagos nomes de heroes, cuja grandeza rara
Coubera na ambição dum hábito de monge!

Mas continua sempre a tentação do mar,
Canto de perdição alucinando a raça,
Na de Esperança foi qalmeras demandar,
Voltou trazendo a bordo um poema de desgraça...

.....
.....
.....
.....

Tambem assim andou a minha naa veleira
A demandar na brama o meu sonhado império;
Tambem o meu olhar, perdido de cegueira,
Um dia se perdeu nas trevas do mistério...

Depois, quando voltou batido dos baldões,
Se não trazia a dôr de crimes nem remorsos,
Dentro d'alma sentia, vazia de ilasões,
A gelidês polar das almas em destroços...

Melodia outonal

A ACÚRCIO CORREIA DA SILVA

Daqui a tempos, Maria,
Quando ao fim do nosso dia
O tempo tocar trindades,
A lembrança do que fomos
—Branca chova de saudades—
Há-de vir ao nosso olhar,
Luminosa, matinal,
Como pombas de tornada
À sombra do seu pombal...

Tudo então serão saudades
Ouvindo a morte bater,
Saudades d'outras saudades,
Saudades de não as ter...

E já pertinho da morte,
Cansados da caminhada,
Não tendo vida p'rá frente
Vingaremos a má sorte
Da tristeza do presente
Vivendo a vida passada.

É como um mar esta vida,
Mar de pranto, mar de mágoa,
Passam ondas, tornam ondas,
Mas é sempre a mesma água...

De saudade, lentamente,
A luz dos olhos absortos,
Desfiando o longo terço,
Evocará, santamente,
Todo o passado dormente,
Desde as cantigas do berço
Ao berço dos nossos mortos...

Tudo neste mundo passa,
O que é cinza já foi lume...
Passa a vida, torna a vida
Nisto a vida se resume.

Os mortos, sombras queridas,
Como sombras d'outras vidas,
Que pela vida passaram
E nossas almas levaram
Na mégarra das orações,
Acompanham-nos agora,
Vendo em suas horas calmas
Para nós chegada a hora
De enlaçar os corações
Na paz eterna das almas...

Mas, ei de nós! O passado,
Remexido dia a dia,
Como ninho abandonado
Mais frio que a cinza fria,

Não nos dá consolação,
Dá-nos tristeza maior
E numa voz de agonía,
Calçada de mágua e dôr,
Diz ao nosso coração:

Se alívio desejas ter
Do passado não te valhas,
Pois a ninguém dá prazer
Revolver pó de mortalhas.

Soa como casa sem dono,
Debalde em mim te confortas,
Moradía de abandono,
Vivenda de coisas mortas...

Como posso dar-te luz,
Pobre alminha dolorida,
Se eu sou a sombra da cruz,
Na sombra da tua vida?

Mas viver é recordar,
Diz o sonho que procuras,
Triste ironia encontrar
Ilusões nas sepulturas...

O tempo é água corrente,
Mal chega, logo se esvai...
É um minuto o presente,
É nada o que já lá vai.

Entre a saudade e a esperança
Minha alma a vida penou:
A dor do que não se alcança,
A mágoa do que passa.

O que da vida descreu
—Triste mal sem lenitivo—
Morreu, sem vêr que morreu,
É como sombra dum vivo.

A saudade faz lembrar
A melopeia da nora:
A uns parece cantar
Parece a outros que chora...

É um moinho a girar
A vida, no seu cansaço,
Desvaira, sonha voar,
Às voltas no mesmo espaço.

Balada da Mã Ventura

A AQUILINO RIBEIRO

No velho castelo, no mórto aprumado
Repicam os sinos tocando a noivado.

Já mais olhos víram um par tão gentil,
Vigôr e beleza tocados de abril.

Adeja nos ares rumor de atabales
Enchendo a freseara de montes e vales.

Parece o cortejo, semeado de flôres,
Orquestra bizarra de ritmos e côres.

Cortejo de aromas perfumes em bando,
Dir-se-ia que fôssem jardins caminhando...

E a noiva, na sombra macia do véu
Mais linda que a lua rolando no céu,

Vinte anos de encanto, vinte anos de graça,
Um vago minuto do tempo que passa,

Perdida no sonho de amor, que sonhára,
Ingénua, acredita que o Tempo parára...

E o bom cavaleiro, de brios afanos,
Que ao sol das batalhas fizera vinte anos,

Espada lazida no ardor das mesnadas,
Que loiros ganhára de navens de espadas,

E desde menino, na lata de pêrros,
Cresceêra e medrára vestido de ferros,

Perdido de amores, na graça sonhada,
Além de seus olhos não olha mais nada.

Tropel de batalhas, clamor de vitórias,
E fronte cingidas de loiros e glórias,

Parecem-lhe cinzas, que vão de longada,
No rio do Tempo desfeitas em nada...

De eterno só ela na graça ogival
De frágil vêneta de antigo missal;

Gentil figurinha de helénico friso,
Os astros são sombras do sol do seu riso.

Além dos seus lábios não tem mais desejo,
Mil mundos não valem a sombra dum beijo.

Corria-lhe a vida cereada de encantos,
Nam mar de bonança sem mágoa nem prantos...

Na vasta riqueza dos vastos condados
Passava o sorriso profeto dos fados.

No grande castelo, de estranho esplendor,
A joias gritavam delírios de cor.

E as côres das joias, formando cambiantes,
São mais preciosas que os próprios brilhantes.

Cercando-o de risos, o mundo lhe diz:
"Não há neste mundo ninguém mais feliz".

E sempre aturdidos na vida dum dia
Não davam p'lo tempo veloz que corria...

Mas certo conviva surgia de repente,
De longe que estava ninguém o *presente*.

Invade-lhe as portas e ao longo da sala
Arrasta consigo perfumes de vala...

E tado estremece, perante a refrega
Da vida, que passa, da morte, que chega.

Na linda morada de velhas folganças,
Por onde passaram, na volúpia das danças,

Os ritmos de corpos, febris, latescentes,
Sonâmbulos lares de noites dormentes,

Acordes fugidos de lira divina
Cantantes, vibrantes na luz matutina,

Cristais em risada, marmários de harpejos,
Dormentes florindo nam ritmo de beijos,

Montára o silêncio seu lívido império,
Silêncio, que fala de sombra e mistério...

As almas só vivem na dor dos solços
De corpos prostrados chorando de braços.

Nos hirtos espelhos as coisas absortas,
Imóveis, só falam de coisas já mortas...

E os vultos são como, na mágoa que os cinge,
Espectros falando silêncios de esfinge...

Já sobre os doirados de tanta riqueza
Parece escutar-se o ramôr da bieheza...

Das flôres da vida brotaram abrolhos,
Fecharam-se os olhos da luz de seus olhos.

E o bom cavaleiro, na sombra fanérea,
Medita consigo: Meu Deus, que miséria!...

.....

.....

Na sala oscilante de sombras, reluz
Um Cristo de braços abertos na cruz...

.....
.....

Mas tôdas as noites, na luz dama estrêla,
Sonhavam seas olhos, em lógrimas, vê-la,

Mais branca, mais linda, mais para mea Deus,
Que tôdas as outras estrêlas do céus!

Na grande saadade, a saadade de oavi-la,
Ouvia-a falando na luz que seintila...

"Não tardas, amigo, vens breve, advinho.
"A luz do meu riso te indica o caminho..."

“No cimo do cêrro, te espero, repara,
“Os dois a colina sómente separa.

E dias passados, sabindo a colina,
Viçosa e cantante na luz vespertina,

Um pobre romeiro d’olhar desvairado,
Na dôr infinita do sangue chorado,

Perdido nas brenhas, gritando o seu pranto,
De lábios crispados num rictus de espanto,

Viv’alma dos matos, sem ramo sem norte,
Caminha na vida p’lo braço da morte...

Mas chega e nos altos do monte descança.
Na mística sombra da noite, que avança,

Virá dos seus olhos a luz redentora,
No manto de estrélas de Nossa Senhora.

E assim naquêle alto, que a morte escolheu,
Mais longe da terra, mais perto do ceu,

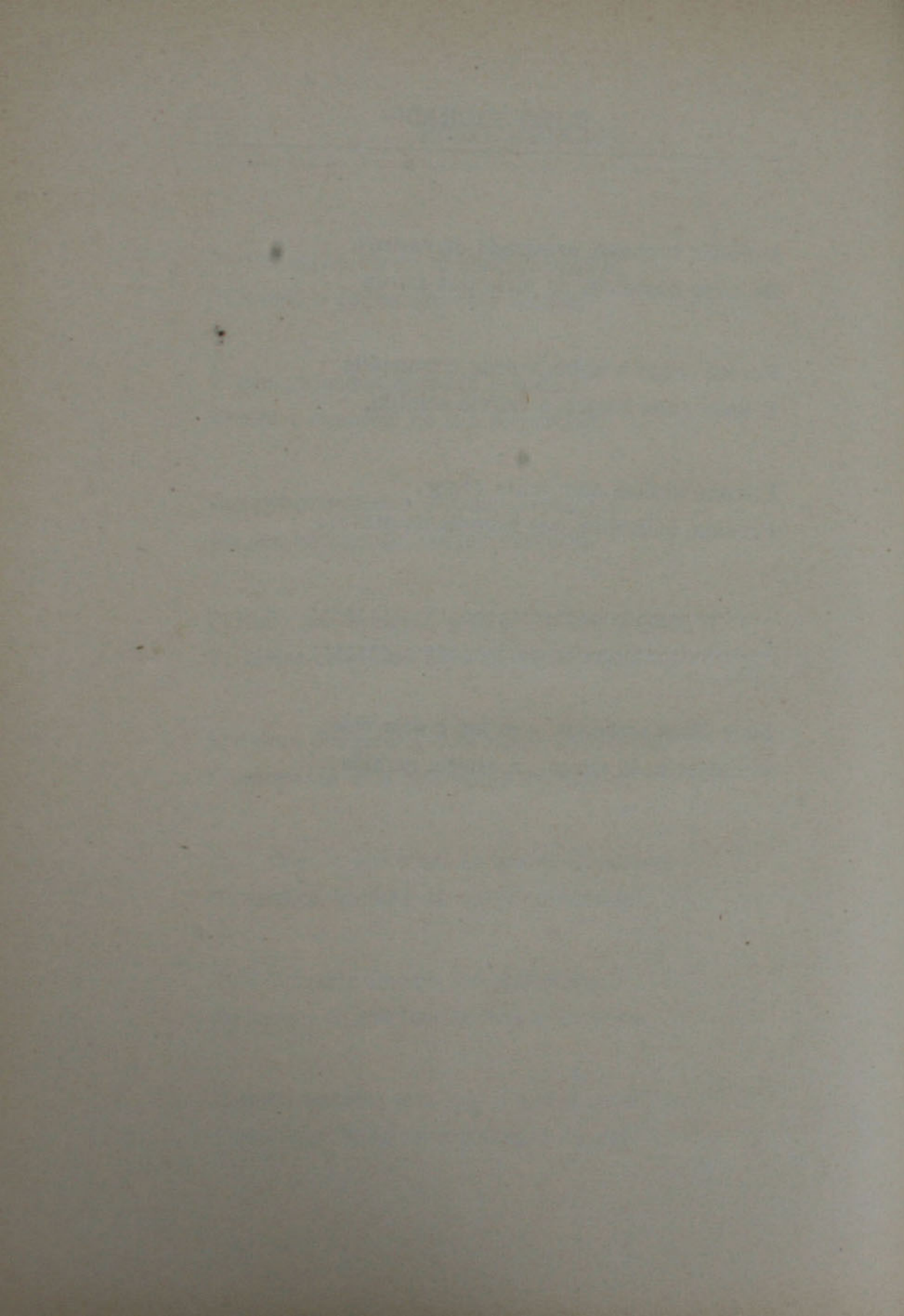
Humilde sonhava, prostrado de rastros,
De novo possui-la, no meio dos astros.

Porém chega a noite, serena e tranqüila
E longe, nos longes, a estréla scintila,

E lenta, deslisa nam lento vagar,
Perdida, indistinta, nas bramas do mar...

.....
.....

Seas olhos tarbados, sem laz e sem vida,
Perseguem, já vitreos, a estréla perdida...



Hora Crepuscular

Hora de névoas místicas nos céus,
Nam silêncio característico, dormente,
Piedosa desdobrando brandos véus,
Na tarde calma e casta mansamente...

Hora em que tudo desta vida esquece
E perde a cor da viva cor do místico;
Do dia resta a sombra dama prece
Na bíblica tristeza do sol pôsto.

Hora que lembra incensos e novenas,
Silêncio e sombra de tranqüila nave,
Hora viava do rumor das pênas
Às coisas dando uma atitude grave...

Flôr do abandono doente dos tafades,
Na transparência vaga, que se esfuma,
Lembras a névoa débil dos açades
Toda vestida de ilusões de espuma.

Ai o tédio da côr, que se imprecisa,
Quando em cinza tranqüila a tarde evolte
A saudade maguada, que deslisa
Das ruínas heráldicas do sol !...

Há claustros de crepusculo p'los céus,
Musicais, como carvas de palmeiras,
Na branca eastidade dos seus veas
As navens lembram pequeninas freiras.

Sinto morrer o tempo na ampulheta,
Lívida extrema-anção do ritmo. Absorto
O céu é como um coração de aseta
Debracinado sôbre um lago morto...

Côres de pãl, vitreas, estagnadas,
Estrangulando a vida num assédio,
Fôlhas caíndo exangues das ramadas
Como se fôsse o gotejar do Tédio...

Uma serenidade perturbante
Embala os choupos vagos a rezar,
Não tarda a lua -imaculado instante
De a noite erguer o Pão de Consagrar!—

Ad Cleliam

A EUGENIO DE CASTRO

Dardeja o sol dilavios de alegria,
Deixa a tristeza absurda que te invade;
Vem remogar na grande luz do dia
A tua mocidade.

Palpitam seivas nas folhagens novas,
Há já flôres à beira dos caminhos
E a passarada ensaia as suas trovas,
P'ra o festival dos ninhos.

Abrem-se à vista largos horizontes
E em atitudes místicas, nos longes,
Lenta deslisa a procissão dos montes
Tranqüilos, como monges.

Nam silêncio ogival de salgueirais
Vai o barranco em fio a marulhar,
Hamilde veio a desfazer-se em ais,
Por não saber cantar.

Nos aleijões dos troncos carcomidos,
Sobre a espuma do musgo lazidia,
Faanos escalpem, como em tempos idos,
Carrancas de ironia.

Na velhice dos troncos abraçadas,
Em notas de viril alacridade,
As eras riem limpidas risadas
De plena mocidade.

Azas de neve de polar aspecto
Fendem, rufando num rumôr de penas,
Ares mais dôces do que o mel do Himeto,
Olímpicas, serenas.

Pelas folhagens oscilantes, sôa
—Harpa divina enchendo terra e céu—
A voz de Zeus, cantarolando á tóa,
As líricas de Orfeu.

E Apolo em festa a rir pelas quebradas,
Na luxúria pagã de seus amôres,
Fecunda de quiméras irisadas
O coração das flôres.

Rasga do tédio a tenebrosa feia,
Que em negros pensamentos te amortalha
E faz nas almas, por um grão de arcia,
Destroços de batalha.

Antes que a vida corra e se desfaça
Numa penumbra de silêncio eterno,
Bebamos ambos pela mesma taça
O límpido Falerno.

E o meu amor, num poema de desejos,
Por Venus, livre de quiméras fátaas,
Há-de cantar, na música dos beijos,
A linha das estátuas.

Já adivinho a linda madrugada
Do teu corpo de mármore sem par,
Na sua musical beleza alada
Duma ânfora de luar.

Os teus dois seios de polar espuma,
Gomís de leite turgidos e belos,
Alvorecem, magníficos, na bruma
Dispersa dos cabelos.

É os braços de ambar, fiasos latecentes,
Voluptuosas carícias perturbantes,
Hão-de pender, exaustos e dormentes,
Num sonho de bacantes.

Loaca, não poapes o suor da vida,
Arôma capitoso de epidermes,
E não penses que um dia apetecida
Serás também dos vermes...

Carta

AO VISCONDE DE VILA MOURA

Chegas á vida e pedes-me conselho
Ácerca do caminho a percorrer;
Temes a dôr mais tarde, quando velho,
De ter vivido sem saber viver.

Aproveitando o meu caminho andado,
Dêle evitando tudo o que fôr fútil,
Pensas das cinzas vãs do meu passado
Fazer na vida qualquer coisa de útil...

E nesta pretensão de ingenuidade
Singela, como as coisas mais singelas,
Dás da tua alma a certidão de idade
Julgando a terra a crepitar de estrélas...

Nada se altera. A vida é sempre o mesmo,
Na pocira de ilusão que se renova;
Segue qualquer caminho, á tôa, a êsmo,
Todos vão dar ao pó da mesma cova...

Mas é simples se queres evitar
Passos inúteis—basta estar parado.
Doutra forma terás que lamentar
Todos os passos que tiveres dado.

Deixa dos livros a baldada empreza.
Nêles sómente podes aprender,
Que nada sabes e a maior certeza
De nada eternamente se saber.

É um mistério cada grão de areia,
Como o bater dos nossos corações
E a luz da ciência um facho, que se atcia
Nana ilusão das nossas ilusões.

A febre delirante de quiméras,
Surda ao rumôr fatal dos desenganos,
Ao revolver o pó de antigas eras,
Desfaz nam dia o que fizeram anos.

Volta o tempo porém a converter
Em cinza, em nada o sonho que crescia;
Volta o labor dos anos a fazer
Todo o labor que se desfez nam dia.

Nêstes vai-vens monótonos dum mar,
Contido sempre pela mesma areia,
A nossa vida, amigo, faz lembrar
O velho caso da lendária teia...

É atento os densos, misteriosos veas,
Que desta vida ocultam sua essência,
É sempre bom acreditar em Deús
—Uma questão de elementar prudência —

Escuta e cala, ensina uma sentença,
Resumo de experiências infinitas,
Serás feliz, se fôr geral a crença
De que no mundo todos acreditas...

Se um dia amares, como toda a gente,
Corpo que as almas traga em alvoroços
Lembra que a carne cobre simplesmente
Ossos iguais a quaisquer outros ossos.

Toda a beleza se desfaz em nada
E o fôfo leito dessas epidermes
Há-de o coveiro, de sachola alçada,
Abrir cantando num festim de vermes...

Não investigues o que a vida oculta
Na sua essência de profundo e grave;
Aos outros deixa a pretensão estalta
De remover o tenebroso entrave.

Como nos contos, o mistério tem
À sua porta dentes de dragão,
Quem se aproxima latará, porém,
Difícilmente salva o coração.

Procura vêr na vida se descobres
A belesa de encanto em que se fala
E evita sempre a música dos dobres,
Póde lembrar-te a podridão da vala...

E crê que as estações, a luz, a côr,
Das grandes serranias á campina,
São notas novas, chelas de vigôr,
Que negam o tormento da rotina...

A calma resignada dum asceta
É das virtudes a que mais sublima
E não impede, afirma um grande poeta,
Que tu te possas adestrar na esgrima...

O apólogo das bilhas tem diante,
Quando topares figurões de pêso,
Deves, porém, amar o semelhante
A ponto de ocultar-lhe o teu desprezo.

Crê que és amado p'la mulher amada,
Que nela encontras carinhoso abrigo
E que a traição não vive assolapada
Na mão amiga do melhor amigo...

Procura conseguir vida tranqüila,
Fagindo sempre ao travo do seu drama,
O coração é melindrosa argila
Que nam instante se desfaz em lama...

Nas relações amigas é bom dar-se
Certezas de leal sinceridade,
Embora na palavra se disfarce
O pensamento oculto da verdade...

Ao lêr o que escrevi perguntarás
Ao coração repleto de quiméras:
—A vida é pois sómente a luta audaz
D'almas piores do que bestas léras?

Dirá teu coração: "A vida é bela,
"Vitória certa do que é bom e forte;
"Cumpre o destino, segue a tua estréla
"Vencendo a vida vencerás a morte.

"Deixa, porém, falar a turba ignára
"Que pede á vida o gosto de viver,
"Só vive aquêle de virtude rara
"Que tem a sciência de saber morrer.

"Saber viver é ter a dentro d'alma,
"Nam enternecimento comovido,
"A grande paz de Deus profunda e calma,
"A paz que nasce do dever cumprido;

"Viver a vida, sem tornar-se escravo
"Da própria vida, uma ilusão de dias,
"E do sabôr amargo do seu travo
"Fazer a melhor fonte de alegrias.

"Por incerto que seja o teu fadário
"Recebe-o sempre com olhar propício;
"Feliz o que sentir, no seu calvário,
"O inefável prazer do sacrifício.

"Querer que a vida dê felicidades,
"No delírio insensato em que a transformas,
"É pretender gerar eternidades
"Na sombra vã de transitórias fôrmas...

“Se a vida é pois amargurado beijo,
“Com saibos de tragédia dolorida,
“P’ra que criar as garras dum desejo,
“Que em si resume a negação da vida ?

“Ela é sómente a rude provação
“D’almas ferindo um singular combate,
“Enche de luz e fé o coração
“E a própria morte te será resgate.”

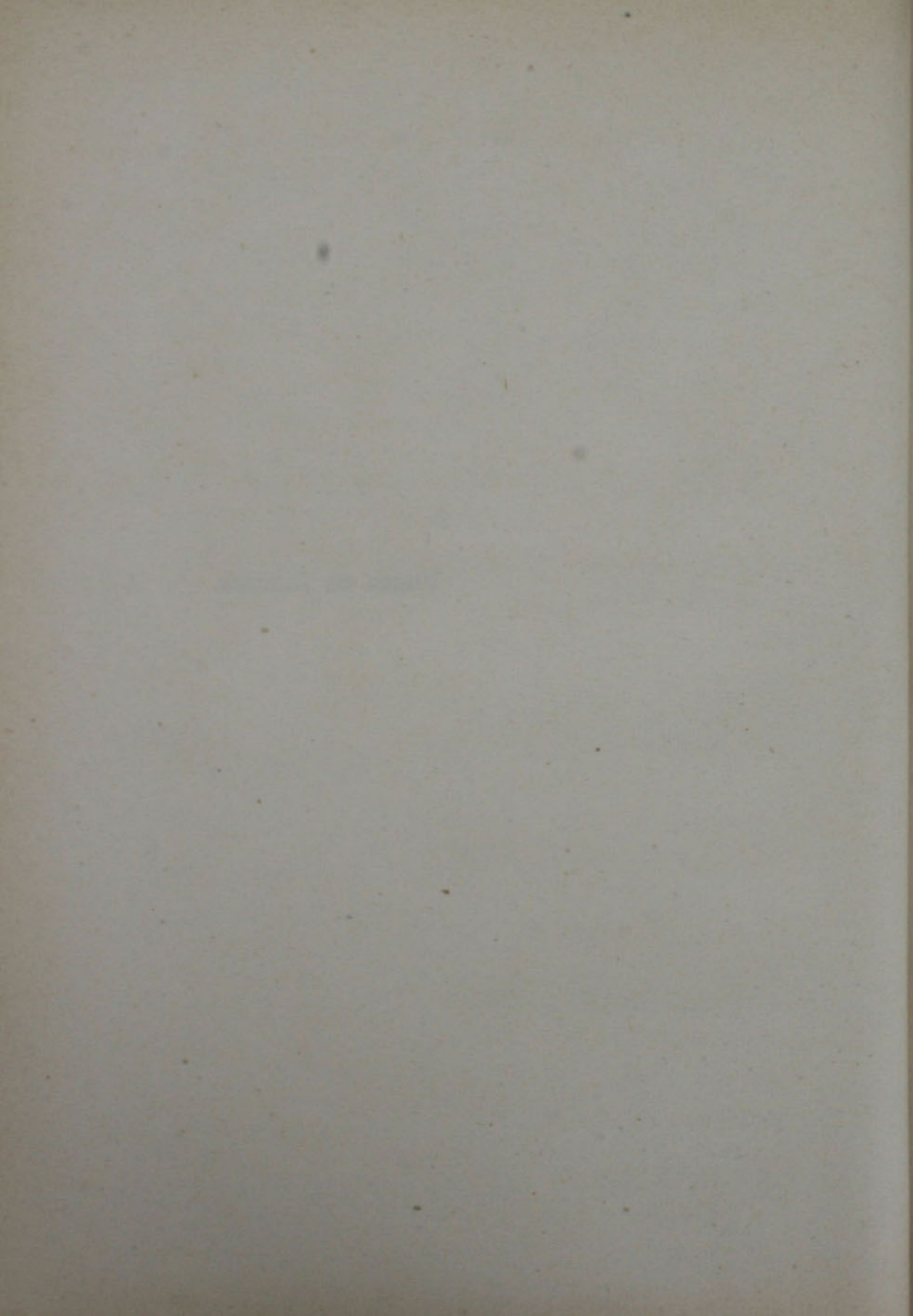
.....
.....
.....
.....

Perdôa-me esta carta tresloucada
—Confidências de bons amigos velhos—
Eu pertenci á geração do *nada*,
Sou eu que necessito os teus conselhos...

ENTRE ESFINGES

A

VIEIRA DE ALMEIDA



PIEDOSAMENTE:

À MEMORIA QUERIDA

DE

MINHA IRMÃ

Entre esfinges

Como as múmias dos reis, d'era passada,
Sob os olhos de esfinges vigilantes
Meditando silêncios inquietantes
Na solidão d'angústia repassada,

Minha alma se desvaíra, amargarada,
Entre enigmas eternos, perturbantes,
Hieráticos fantasmas lancinantes,
Que nela têm a lúgubre morada...

E pelas largas noites silenciosas,
Em procissões de sombras misteriosas,
Deslisam lentamente dentro d'alma...

E ao clamôr dos meus brados de agonia
Responde sempre a lívida ironia
Da trágica madez profunda e calma...

Nihil

Tudo passa na vida—e cada instante
Marca um minuto menos a viver,
Um sonho que morrea e nem sequer
Ilumina a face do quadrante...

E o tempo que passa, perto ou distante,
Jámais alguém o pôde reviver,
Viveu sómente o tempo de morrer
E fez-se em nada como sombra errante...

Glórias, aspirações, sonhos, quiméras,
Tornadas pó, no mesmo pó das eras,
Vão passando também sem deixar rastros.

Tudo passa na vida... e todavia,
Madando a vida sempre, dia a dia,
Nada de novo existe sob os astros...

A sombra

Quem será esta esqualida visão,
Que na sombra da noite me visita
E cujo olhar de gélo, que me fita,
Me trespassa de medo o coração ?

Dentro d'alma, na minha solidão,
O seu silêncio desde sempre habita,
Silêncio que me acusa ou que me incita
Nos implacáveis juizos da razão.

Donde vieste ? Quem és ? Porque braxêdos
Devassam os mais íntimos segredos
Teas olhos, frios gumes d'uma espada ?

Talvês que nesta sombra, uma aparência.
Se resama o real da minha essência
E tado o mais apenas seja nada...

A vida

De que nos servem pompas ou riqueza
Se a vida apenas é, no ramo vário,
A frágil luz dum pobre lampadário.
Exposto ás ventanias da incerteza!...

Para quê disputar, em lata acesa,
A sangrenta amargura dum fadário,
A que não falta nunca o seu calvário
Antes do cabo da fatal empresa!...

De toda a parte a dôr avanta gritos.
P'ra que nos livrem de nós mesmo, allitos,
Uns aos outros pedimos vão resgate...

Pedir á vida que nos dê ventura
É pedirmos á morte a sepultura,
É pedirmos á vida que nos mate...

A ânsia do infinito

Na noite o pensamento em galopada
Afunda-se nos astros mais distantes,
E novos astros surgem, culminantes,
Sôbre o desejo de encontrar o nada.

Dêsses astros, a vista alucinada
Outros astros descobre scintilantes,
Esparsos nas distâncias perturbantes
Doutra abóbada d'astros recamada...

Perdido na amplidão do Firmamento
A si próprio pergunta o pensamento,
Entre enigmas eternos e profundos:

Que insondáveis mistérios estarão
Para além da sinistra solidão
Da pequenez destes milhões de mandos?...

O nosso amôr

Crazámo-nos um dia, e mal olhámos,
Os coraçõs, nascidos tão distantes,
Alegres como nunca foram d'antes,
Se enlaçaram na sina que trilhámos.

Um paro acaso, nós os dois pensámos,
O que nos fez felizes caminhantes,
Olhos contentes, coraçõs constantes,
Em basea da qalméra que sonhámos.

Mas ao pensar que em toda a nossa vida
O acaso oculta a mão desconhecida,
Que se presente no ramôr da sorte,

Eu vivo, ó minha amiga, no pavôr
Do mistério, que encerra o nosso amôr,
Talvês gerado pelas mãos da morte...

Suplício eterno

Nam círculo de ferro aprisionado,
Desde o princípio, em vão, o pensamento
Procura desfraldar azas ao vento
No transcendente espaço ilimitado.

Mas na ânsia imponderável do vedado,
Por mais forte que seja o seu alento,
Só encontra os grilhões do seu tormento,
Tormento eternamente renovado.

Águia vencida, todo o seu império
Se limita na jaula do mistério,
Onde estrebucham sombras imprecisas.

Sofre o martírio eterno da clausura
E nega, desvairado de loucura,
A mão augusta que lhe impoz balisas...

No claustro da saudade

Os que em mim fôram toda a minha vida
E o coração amára mais de perto,
A morte os foi levando de vencida,
Na brama incerta dum destino incerto.

Fez-se-me a vida angústia dolorida,
Como o silêncio imenso dum deserto,
Ao vêr já toda a geração samida,
No mesmo saleo de amargura aberto.

No claustro da saudade, suas almas,
Hirtas eslingas, misteriosas, calmas,
Se alinham como mármore esbortos...

E a minha dor por mais que se alucine,
Aguarda em vão a chama que ilumine
O olhar gelado desses vultos mortos.

A cavalgada da treva

Desde o princípio o sol, em correria,
Persegue a sombra num desejo ardente
E a sombra foge sempre eternamente,
Deixando atrás de si o claro dia.

Hostil ao sonho, que seas passos gaia,
Dispende a luz no espaço reluzente,
A vêr se um dia sobre o peito sente
A carícia da sombra fugidia.

E quando seja sombra, já cansado,
À própria sombra vendo-se abraçado,
Julga abraçar a sombra perseguida,

Que atrás da luz caminha espaço afóra,
Nam desejo fecando, que avigora
A aspiração convalsa d'outra vida.

Antes de te encontrar

Antes de te encontrar, eras sómente,
No impreciso da minha fantasia,
Alguem que nunca vira e pressentia
Rondando o meu destino vagamente.

Nessa profunda aspiração latente,
O teu olhar tão nítido surgia,
Que eu tive, ao vê-lo, a sensação que via
O mesmo olhar que vira eternamente.

E assim, não sei se a sua luz sem par
Vivia no meu sonho a latejar
Ou na minha saudade adormecida.

Vá lá saber se a luz a que aspiramos
Não é a sombra do que atrás deixamos,
Num ignorado ciclo d'outra vida.

Nulla Spes

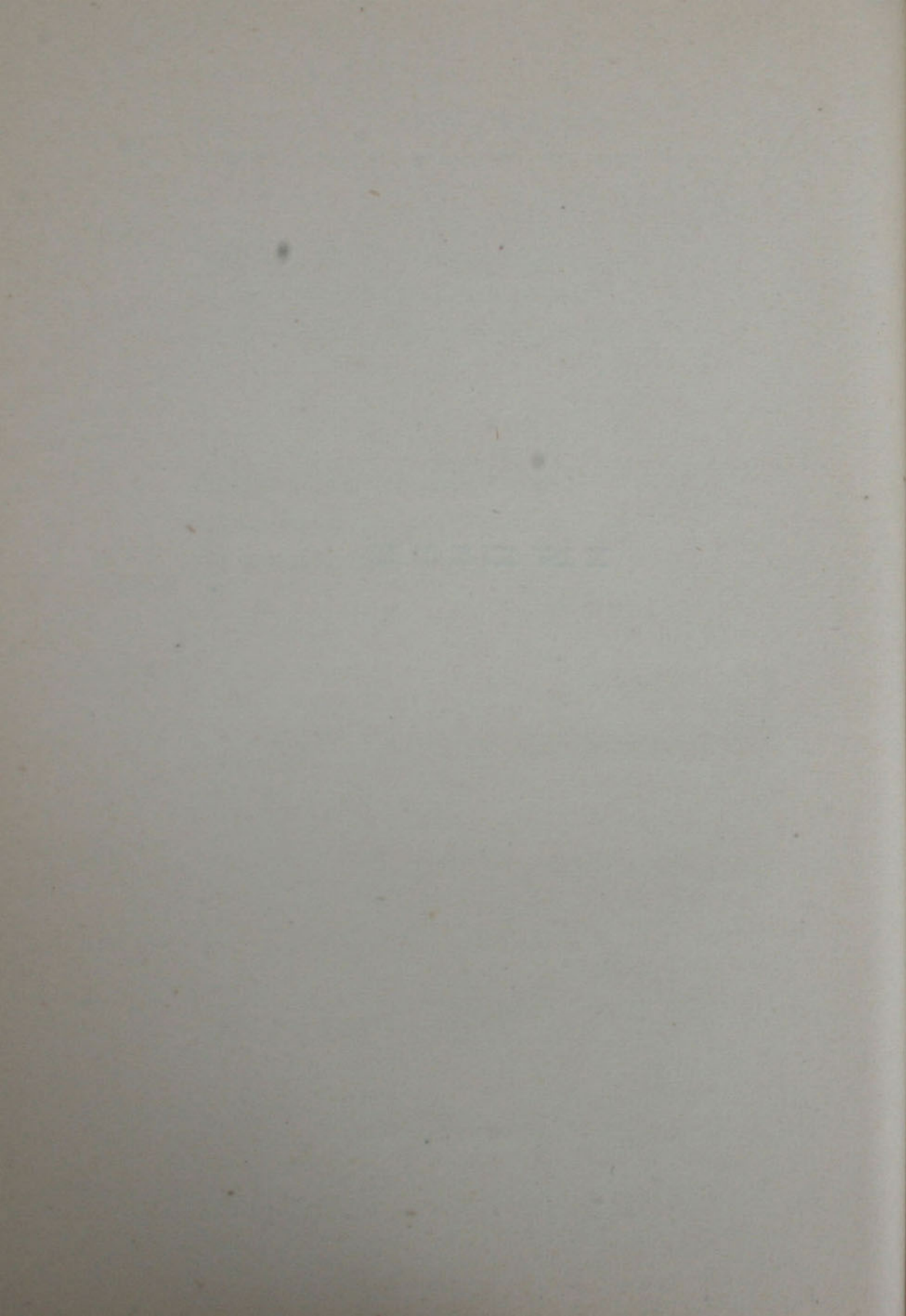
Vou na colina em meio da subida,
Vai afrouxando a luz, que me alumia,
E os anos gastos, breves como um dia,
Não me trouxeram a razão da vida.

E á luz da mesma luz, na mesma lida,
Fazendo sempre o mesmo que fazia,
A vida vai correndo na atonia
Da mesma angustia d'alma espavorida.

Finalidade não lhe encontro alguma
Na impenetrável, insondável brama,
Em que a minha esperança se conforte...

Talvez a vida no seu lame etéreo
Apenas seja a sombra do mistério,
Que principia para além da morte...

INDICE



INDICE

I

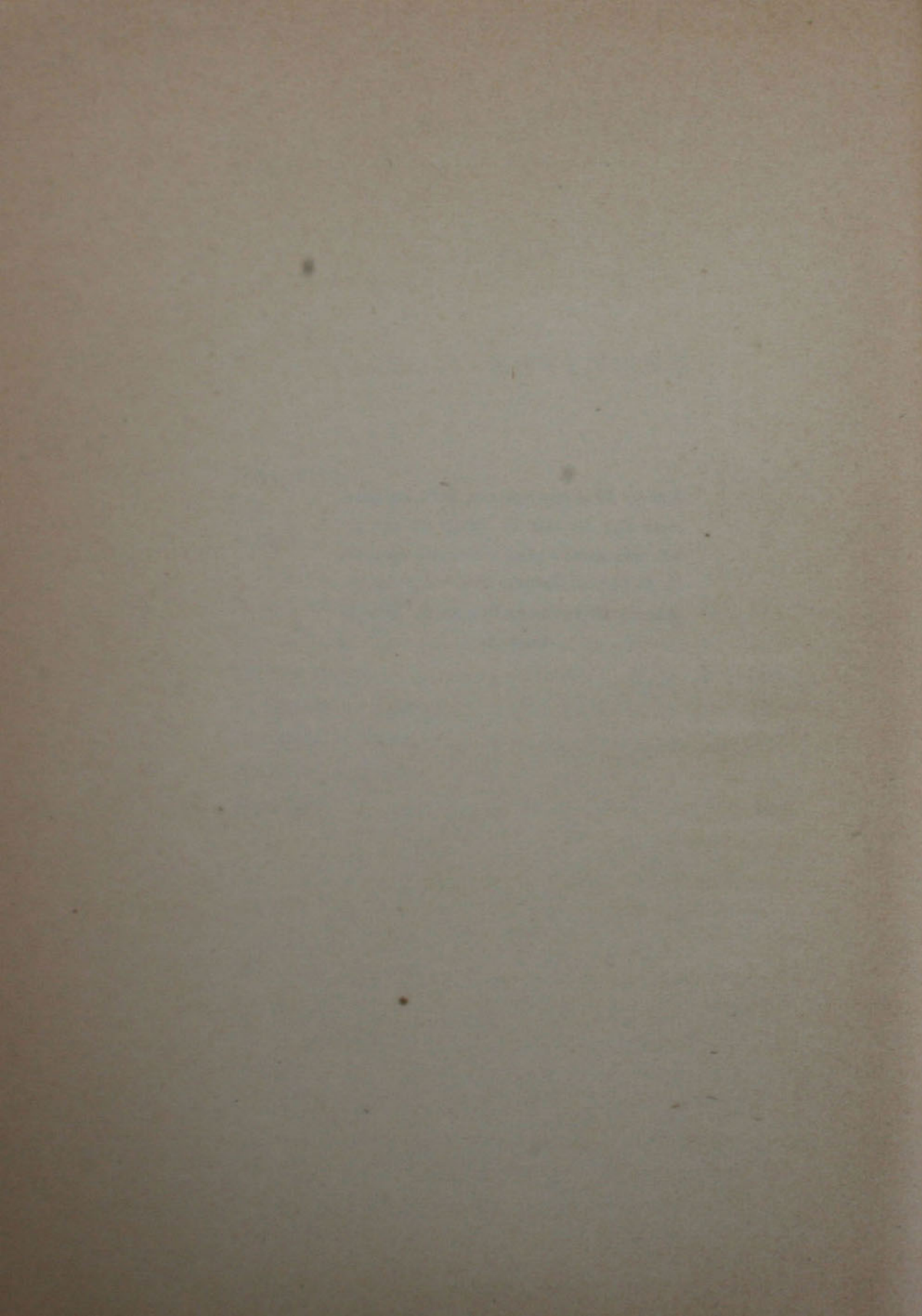
Fogo Sagrado.	11
Aspiração I	15
» II	17
Fala do Tédio	19
Deus.	27
Litania da Morte	29
» » »	31
Vida Nova	37
O Poema da Treva	39
Sonho Oriental	45
Melodía Outonal	51
Balada da Má Ventura.	57
Hora Crepuscular	67
Ad Cleliam.	71
Carta.	77

II

ENTRE ESFINGES

Entre Esfinges	93
Nihil	95
A Sombra	97
A Vida	99
A Ançia do Infinito	101
O Nosso Amôr	103
Suplicio Eterno	105
No Claustro da Saudade	107
Cavalgada da Treva	109
Antes de te encontrar	111
Nulla Spes	113

Acabou de se imprimir este livro aos quatorze dias do mez de Junho do ano de mil novecentos e vinte e trez, na tipografia de *Carlos Marques & C.^a L.^{da}*, na cidade de Beja, rua da Fabrica, n.^o nove e nove A.



“Nos Braços da Cruz,,

POR GARCIA PULIDO

Nós não sabemos se este delicadíssimo poeta se criou espontaneamente, repassando através da sua alma em amargura, a sua dôr, confundida com a dôr infinita, a dôr imensa do universo atormentado. E o seu livro, que é realmente muito triste, e muito belo também, é feito de lagrimas que se devoram em silencio, de amores de rara pureza, subtilizando-se espiritualmente em aladas quimeras de maguadas saudades, que são como o brando roçar duma aza meiga sobre feridas que a vida mal deixou cicatrizar.

O poeta olha o seu coração mortificado, e diz-lhe que fale, para que as confidencias dele tragam a ambicionada pacificação ás suas horas dolorosas. E as melhores lembranças d'outro tempo, misturaram-se ás agonias moraes da hora presente. Poucas vezes o lirismo portuguez terá ascendido tão alto no livro dum rapaz de vinte anos. Como os seus versos ingenuos, arrebatados e ardentes, consolam em meio da desbotada e incharacteristica poesia d'hoje!

d' «O Primeiro de Janeiro». — PORTO

“Nos Braços da Cruz,,

Versos de Garcia Pulido.

Não se trata da tragedia do Gêlgota, como o titulo poderia suggerir, mas dum poema revelador de um temperamento de artista e de poeta, e onde a vida, no seu aspecto de anciedade, interrogação e duvida, arde e palpita. Não é um livro de optimismes galhardos e coriscantes, electrizando espiritos e galvanizando corações, nem de fundos pessimismos baudelaireanos, desanimadores, o actual; mas uma obra sentida, feita com talento, onde os coloridos outonais, as elegias dos longes, as *nuances* dos sentimentos de almas amorosas, tocadas de magua, tem as suas orquestrações e a sua interpretação.

«Nos braços da cruz», se é, por vezes, um poema dolorido, nunca o poderá ser piégas como só em ser para nosso enervamento, os desditosos homens de choramigas. E' vibrante e sentido.

d' «A Montanha» — PORTO

Poeira da Breca

Garcia Pulido reunia em volume os seus primeiros versos com este titulo — *Nos braços da cruz*. A sua visão das coisas roça quasi pelo desespero: sem lagrimas, mas com o visível desanimo de quem sente na sua mocidade, prenuncios de catastrophe. O poeta já não formula d'aquellas perguntas audazes que o lirismo antheriano lançou um pouco ao acaso, a ver se captava do universo e da vida o segredo terrivel que n'elles se acoita. Resignado, calmo, quasi christão, não reage em busca de uma ventura que, nos olhos das creanças, é promessa e, nos dos velhos, saudade. Aceita o fardo da vida e acceita lo-o cumprir um fadario inevitavel, cedendo os seus braços à cruz, para assim exaltar a sua dor e o seu amor.

d' «A Capital» — LISBOA

«Nos Braços da Cruz»,

«Nos braços da cruz» é a estreia em livro do moço artista e — ó surpresa! — estreia em verso.

Garcia Pulido, o elegante e masculino prosador que já conheciamos, surge-nos assim firmando um livro, todo inteiro, de bellos e enternecidos versos, cheios de harmonia, de delicadeza, suavissimos tons e ritmos dulcissimos.

Livro de amor, de ardentes e apaixonados transportes, fixando em estrophes de artistico recorte ineditos estados-de-alma, «Nos braços da cruz» é um livro bem pessoal, bem intimo, onde o poeta nos revela todas as subtilizás e requintes da sua alma de excepção.

Lemo-lo, por isso, com um recolhido encanto e, depois de lido, ainda por muito tempo ficamos repetindo, «in mente», as passagens que mais fundamente nos admiraram, como seja essa linda e comovente composição «Meu pae». O auctor de tão bella pagina, se um dia regressar á prosa em que antes tão relevantemente se destacara, não pode nunca arrepender-se de ter feito versos.

A Garcia Pulido os nossos muito affectuosos cumprimentos pelo seu trabalho, cuja amavel offerta muito lhe agradecemos.

d' «O Jornal de Noticias» — PORTO

“Nos Braços da Cruz,,

POR GARCIA PULIDO

Dum impressionismo co novido e ardente, o moço poeta, esboçou a traços largos mas seguros, todo o calvario dos seus breves 21 anos. Este livro, apesar do profundo e sincero desalento que o fez crear, pelo seu natural religiosismo, pelo vago fervor místico da inspiração é bem do nosso tempo, o lamento de quem se queixa vendo sempre uma graça de Deus nas desgraças da vida, uma lástima que é um vibrantismo grito de fé.

Nos *Braços da Cruz* já conseguiu mostrar-nos Garcia Pulido que o resto da sua existencia literária e da sua obra de artista será uma inegalável ascensão gloriosa que ha-de deslumbrar a nossa época e honrá-la entre as épocas futuras.

d' Nação Portuguesa

Garcia Pulido -- ‘Nos Braços da Cruz,,

Vejam vocês como, na *Vertigem do Nada*, soube viver e dar forma perfeita à grande Duvida que nos crucifica em vagos e incertos braços de desalento e de dôr, sem nos deixar, ao menos, a certeza de ser sangue o sangue que, das nossas mãos, vemos cair:

.....
*Na vertigem do nada alucinado,
 Meus nervos fervem vendo a escuridão
 E á beira dela fico acobardado...*

*Talvez que seja tudo uma ilusão
 De quem julga pensar sem ter pensado
 E o nada seja a voz do coração!...*

Vejam como ele sabe que:

.....
*Muitos passam na nossa vida a esmo,
 Somos outro momento para momento...*

vivendo assim em constantes saudades:

.....

** Atroz du nas outras vem,
Nesta vida tudo foge,
Saudades, inda hei-de tel-as
Das minhas saudades d'h'je...*

.....

Como todos os Novos vê a Morte como sendo a unica *vida* de
releitura Belesa:

.....

*E. todavia, eu vejo-me doente,
Do corpo vae-me a vida libertar,
E ela irá nos carões do sol poente
Bastar a côr que eu lhe não soube dar.*

.....

Em noites de insônia, veado a sua vida preguiçosa e estéril,
sentiu o fantasma *Tenao* galopando-lhe destruições dentro da tor-
turada cabeça; apavorou-se; delirou como d'ido; desesperou-se por
não saber *viver* o *Presente*; e, num momento, compreendendo o
seu estado d'alma, discordando com d'Annunzio, concebe estes grau-
dizos tercetos:

.....

*O tempo dura apenas um momento
Mal chega, logo morre, é luz perdida,
Amanhã — não existe. Vão tormento*

*Traz a esperança em sonho adormecida
Quem espera ha-de ter o desalento
De ver a morte sem ter visto a vida!...*

E, ainda como nós todos — quando na aldeia, em tardes de
penumbra mansa e azulada, vamos recolher os Gados e caminhar
p'ras Fontes... — vive, na *Romaria*, em perfeitas quadras de sim-

plicidade e de tristeza, a verdadeira alma popular... — a alma popular que, uma vez ao menos, com muito amor dentro de nós sentimos...

d' «A Galera» = COIMBRA

Seves d'Oliveira

“Nos Braços da Cruz,,

Aparecido há pouco mais de um mês, o livro de que extraímos esta poesia de tão alta e tão nobre envergadura lírica foi uma surpresa e uma revelação: surpresa porque nada fazia prevêr que as dificuldades do ritmo viessem um dia a tentar Garcia Pulido, que, pelo brilho da sua prosa máscula e cheia de côr e pela impetuosidade dos seus mordazes ataques, de há anos vinha gozando a reputação justíssima de ser um dos nossos actuais panfletários de maior mérito; revelação porque, a despeito do que pensar possam ainda os que não leram neste seu último trabalho, os versos deste «prosador» não são uma fraquesa de artista insatisfeito, que não hesita em comprometer a sua reputação literária só para calmar a sua febre de experimentar todos os «processos» mas sim a afirmação terminante de uma superior sensibilidade de Poeta. Não é para aqui a análise do «Nos Braços da Cruz» que a nossa imprensa recebeu com tão calorosos e merecidos louvores. Juntêmos á dos outros a nossa admiração e façamos votos por que Garcia Pulido continue a dar-nos livros de prosa ou verso, que num e noutro campo e'le é sempre um autentico e superior Artista.

d' O Magistério — PORTO

“Nos Braços da Cruz,,

.....

Mas pondo de parte o caracter pathologico de taes versos, cumpre-nos gostosamente afirmar que eles revelam comprovada disposição artistica.

Garcia Pulido possui em grão apreciavel qualquer das tres faculdades indispensaveis n'um poeta: verdadeiro sentimento, verdadeira inspiração, verdadeira melodia.

Muitas das suas quadras, sobretudo as de sete syllabas,

apresentam-se revestidas de uma feição tão espontanea que as consideramos modelares no seu genero.

Se Garcia Pulido recuperar a saude e adquirir uma alegria estavel que seja, pelo menos, devida ao equilibrio moral e á resistencia do seu organismo contra os agentes mórbidos e depauperantes, a sua inspiração, que é fecunda, ha-de guiá-lo, com menos restricções, na forte emoção da vida.

Abandonará a subjectividade lugubre e enervante que a ninguém deve servir de estimulo nem de exemplo. E os seus livros futuros serão uma obra notavel, talvez ainda melancòlica, mas rica de imagens e de conceitos, rendilhada, suave e deleitosa. em que o seu bello temperamento libertado de artista se afirmará colhendo as palmas do triumpho.

d' «A Quinzena de Portugal» — LISBOA

